

OBALUAÊ
ORIXÁ DA CURA

SENHOR DA PASSAGEM

Margaret Souza

OBALUAÊ

ORIXÁ DA CURA

SENHOR DA PASSAGEM

PSICOGRAFIA DE UMBANDA

DÉCIMA TERCEIRA

OBRA MEDIÚNICA

09/10/2006

Editor:

Margaret Souza

Produção e Capa: Margaret Souza

Revisão:

Antônio Carlos Martins Lopes

Obauaê (Espírito)

Obaluaê o Senhor da Passagem/ Orixá da cura

[Psicografado por] Margaret Souza

Fortaleza- CE, 2017

1ª Edição

Novembro de 2017

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, através de qualquer forma ou meio, sejam eles, eletrônico, mecânico, xerográfico e pelo uso da internet, sem a devida e expressa permissão da autora da obra, Margaret Souza (Lei nº 9.610/98)

Todos os direitos desta edição são reservados pela autora da obra

Tel.: (85) 99606.9053- Margaret Souza

E-mail: margaretsouza27@gmail.com

Sumário

Dedicatória.....07

Agradecimentos.....08

Esclarecimentos.....09

Prefácio.....10

No

início.....14

Os Orfãos.....19

Uma nova vida na fazenda.....23

Conhecendo a espiritualidade.....34

A iniciação.....38

Sua primeira missão, curar.....45

Na aldeia Zulu.....53

O começo das provações.....60

Sacrifícios humanos.....65

Por causa do desespero, muitas vidas foram ceifadas.....80

A realidade ao prestar contas com o Criador.....88

Um Anjo na escuridão.....95

Uma nova chance de crescimento.....101

Dedicatória

Dedico esse livro a Mãe
Margarida Souza

Por ela

Ser parte importante em minha vida.

E por sua preciosa ajuda nessa missão.

Agradeço

Em especial a Deus Senhor e Criador de todos os dons.

A esse mentor e Guia Obaluaê.

Dedicatória

Dedico esse livro a Mãe
Margarida Souza

Por ela

Ser parte importante em minha vida.

E por sua preciosa ajuda nessa missão.

Agradeço

Em especial a Deus Senhor e Criador de todos os dons.

A esse mentor e Guia Obaluaê.

E ao Caboclo Negro Gerson meu anjo Protetor.

Esclarecimentos

Obaluaê

Não é o senhor da morte, e sim, o senhor da passagem, porque não é ele quem mata as pessoas, mas sim, quem direciona o espírito a seu local de origem, de acordo com sua vibração.

Não sei por que criaram tantas lendas a seu respeito, nem porque o simbolizam com a morte, se ele não mata! Porque depois que o corpo cai morto, no solo, Omulu retira o espírito e o entrega a pai Obaluaê para que ele o encaminhe a seu local derradeiro.

Não sou o pai nem a mãe da verdade, mas espero poder esclarecer alguns itens a seu respeito.

O campo santo não é sua morada, e sim de Omulu. Ele não é o senhor da terra, mas sim, Omulu, pois seu campo vibratório é o campo santo. Esses são dois orixás de esquerda, mas com energias diferentes,

Obaluaê fica entre um plano e outro, fica no eixo vibratório entre a terra e o espaço.

Seu lema não é trazer doenças contagiosas, mas curar todas elas.

Orixá de grande potencial de cura, onde a maioria de seus filhos, também tem o dom da cura, a energia dada por Deus nas mãos. E na terra, todos trabalham curando os enfermos, como ele fazia nas aldeias, e ainda hoje o faz, trabalha curando os muitos espíritos astrais.

Sua roupa de palha da costa simboliza os feiticeiros Zulus, onde na aldeia foi consagrado feiticeiro curador.

Usa o chocalho de contas para afastar o mal, e o cetro para se apoiar, porque realmente ele se materializa como um velho.

Procurei em muitas páginas na net, mas só encontrei heresias. Muitas palavras insanas sobre esse Orixá milenar, respeitado por muitos, e temido por alguns que não conhece sua força.

Nesses dias de entrega, juntamente com Nego Gerson e ele, em nenhum momento, o senti pesado, ou sem paciência comigo, pelo contrário, era sempre muito calmo e sereno.

Hoje, agradeço a Deus e a ele, por me passar essas mensagens, que para muitos, talvez, sejam falsas, mas não me importo com críticas, e sim, com o que realmente ele me passou para esclarecimento mútuo. Porque com tantas coisas faladas sobre ele, até eu fiquei receosa, quando soube quem era o espírito que iria me dar às mensagens.

Mas graças a Deus terminamos.

Margaret Souza

Prefácio

Sou grato ao meu Criador, me permitir estar contigo neste dia, tão esperado por mim, e por meus muitos irmãos, que esperam em breve, também poder estar sentindo o que

eu estou sentido agora.

Que vos possa continuar o caminho da evolução, para nos dar esses momentos de tamanha emoção, que para um ser como eu, que há muitos milênios esperava por um momento desses.

Como sou grato ao meu Senhor me permitir estar aqui hoje.

Eu sou conhecido como o senhor dos mortos, mas seria melhor dizer, que sou o senhor das passagens de um plano para outro.

E nesse eixo vibratório, sou quem sana os excessos dos filhos terreno que burlam as leis do Criador e por isso, caem em meus gélidos domínios.

Mas não pensem que sou feio como me pintam, porque não sou, nem sou apenas um expecto. Sou um ser, um espírito muito antigo, mas nem por isso me fantasio de velho ou de esqueleto.

E às vezes, apareço dessa forma, para os sabichões que nada sabem, e que querem nos dar essa forma. Então, eu me mostro a eles assim.

Eu sou velho, sou jovem, sou o fim, e o caminho que todos têm que trilhar para se encontrarem com seus destinos finais.

Sou o senhor da passagem, o temido e tão mal compreendido pai Obaluaê; o Sr. Atôtô babá.

No início

Era o começo da era de meu Senhor, o Criador do universo. No ano..., deixe-me ver, vamos supor que fosse o

ano 800 AC na antiga capital de Oió, onde viveu o Sr. Xangô. Só que, eu sou ancestral a ele. E antecedi a todos os que vivem na atual religião, a Umbanda.

Eu estou com dificuldade de falar, porque estou muito emocionado. Isto para um velho como eu, um senhor tão temido, é um pouco feio, e pouco provável. Mas é assim mesmo, que estou me sentindo diante de vós. Mas conseguirei falar, e de acordo com o que vou relatando, vou tentando me recompor.

São muitos milênios de espera, e quando chega a tão esperada hora, perdemos a fala, e um nó se faz, onde era para ser a tal garganta, mas que agora, não passa de um foco de luz. Um pequeno e fraco foco, de uma luz meio sem brilho. Porque, nós que atuamos na esquerda, não temos luz forte e brilhante como os espíritos que atuam na direita.

E isso é para nos modificar, para ficarmos diferentes dos outros.

Essa é uma história real e muito triste. Você tem certeza que queres me ajudar, que quer continuar essa escrita? Mas se não quiseres, não me importo, porque já me basta essas poucas linhas que te dei, e por isso, já me sinto gratificado, e honrado.

_Não senhor, eu quero continuar até quando vós achardes que deve. E peço-te perdão quando eu for vencida pelo cansaço e não conseguir escrever.

Está bem, menina, que eu seja o mais doce e sereno pai, e não, o mais impaciente e frio senhor dos mortos. Mas eu só sou assim, quando encontro filhos relapsos, que não são cumpridores de seus trabalhos.

Quando Deus criou o mundo, deu-nos sabedoria e o tal "livre arbítrio", e foi esse tal arbítrio, que foi a perdição total, a degradação desse mundo que Ele mesmo criou.

Ele deu-nos liberdade de escolha, mas não nos deu um limite, par que não ultrapassássemos o que não poderia ser ultrapassado.

E a maioria passou, e muito dos limites. Tanto passou, que até hoje, tem gente padecendo por causa desse tal arbítrio. Por ter extrapolado seus limites humanos, e afrontado muito os seus próprios caminhos.

E as leis que o Pai da criação deixou, não foram suficientes para que todos seguissem o caminho reto. E além de criar outros caminhos, os seres não queriam saber se estavam certos, ou se poderiam seguir por aqueles traços que

eles próprios traçaram.

Deus deu-nos suas leis, e nos mandou para a terra, para tentarmos começar uma terra, um mundo digno e proveitoso para cada ser que estivesse encarnado neste planeta. Pois no começo, no início desse mundo, ele era vazio de leis e de conhecimentos. Então, Ele nos mandou para a terra com muitos dons e com um vocabulário de ideias riquíssimas, para a nossa época.

E isso, para tentar frear um mal que nós ainda não víamos, mas que Ele, como o Senhor e criador já pressentia.

E eu, era um desses filhos, que vim que nasci na carne, nas antigas civilizações Incas, mas que hoje, é outra província, muito distante da antiga capital de Óio.

Nessas terras antigas, os Incas, os Astecas eram um povo sábio, muito cheio de dons e de esquisitice, cheios de muitas premonições.

E todos nós cultuávamos os Deuses, que na verdade, eram os já tão temidos Orixás.

Nesta época, eu vim em uma família de camponeses curadores, que curavam as pessoas através de suas rezas.

Já naquela época, existiam os curandeiros, e por isso, éramos excluídos do seio social, por sermos taxados de bruxos ou hereges, os feiticeiros do mal.

Em nossa cidade, costumávamos subir no alto da colina para cultuar o sol, a lua e as estrelas. Como na cidade das bruxas de Avalon ou nas pedras de Stonehenge. E no alto das pedreiras, nós macerávamos as ervas, e já chamávamos os espíritos dos que haviam partido, para nos dar força e fluidificar aquele remédio.

Havia todo um ritual para fluidificar aquelas ervas. E depois de ter feito um sumo grosso, e de coloca-lo em um recipiente, deixando-o exposto a força dos astros, descíamos do alto das colinas e íamos para a casa dos enfermos. Aplicávamos compressas em suas dores, dávamos esse sumo para os doentes beber, e eles se sentiam muito melhor.

Era uma vida simples, porém digna! E todos viviam em conjunto e harmonia. Nossa pequena família era toda dedicada à cura, onde vivia eu e outro irmão mais novo, filhos de um simples casal de camponeses.

E era assim que vivíamos uma vida simples no campo, mas dedicada a cura dos enfermos.

Os órfãos

Eu era ainda moleque, quando o rei mandou saquear nossa casa e nos levar o que tínhamos de mais precioso, a vida de nossos pais..., e eles, só nos deixaram vivos, porque saímos correndo, e nos escondemos no meio das plantações. E ficamos eu e meu irmão, órfãos de pai e mãe.

_E agora, José, como vamos fazer para sairmos daqui e arranjarmos comida?

_Eu não sei, mas vamos esperar que, chegue à noite, para sairmos.

E assim, ficamos no meio das plantações até anoitecer. E depois, ao anoitecer, saímos, mas tomamos outro caminho para nossa casa. E até aquele momento, não tínhamos nos dado conta da intensidade do estrago.

_Meu Pai do céu! E papai e mamãe, onde será que se esconderam?

_Não sei mano, não dá para ver nada, porque hoje não temos luar e o céu está muito escuro. Mas vamos ficar por aqui, para o caso deles voltarem, não nos encontre.

E assim fizemos, permanecemos sentados a uma pequena distância de onde era a nossa casa. Porque agora, só existiam cinzas e muita fumaça.

E ali sentados, eu e meu irmão, ficamos a olhar, e a esperar que mamãe voltasse. Adormecemos sentados em frente aquele monte de cinzas, onde foi a nossa casa.

Logo que o dia nos blindou com seus primeiros raios de

sol, foi que vimos o que realmente havia acontecido. Da nossa casa, não havia sobrado nada, e apenas cinzas existiam.

E como nossos pais não haviam voltado, nós saímos a sua procura por entre os escombros da antiga vida. Mas éramos crianças ainda muito pequenas, não sabíamos o que realmente havia acontecido. E em nossa inocência, ficamos a esperar que eles votassem.

Mas como isso não aconteceu e a fome apertou, nós saímos à procura de alimentos, mas não, para centro da cidade, fomos para a mata. E entramos mata adentro, pois estávamos ha vários dias sem nos alimentarmos.

Caminhamos muito, mas sem êxito. E quando já estávamos quase desistindo de procurar, achamos uma plantação de bananas. E tive que arrastar meu mano, pois ele já estava quase sem forças.

Sentei-me no chão, em baixo de uma árvore, e fui dando de comer para ele, bem devagar. E quando ele havia conseguido comer umas duas bananas, eu o acomodei ali, e fui me alimentar também. E logo que saciei minha fome, eu também me deitei ao seu lado. E como eu era um pouco maior, já sabia a intensidade do mal que aquele povo havia nos causado.

E eu senti um vazio muito grande no fundo da minha alma, de criança tão simples. E algumas lágrimas rolaram de meus pequenos olhos. Adormeci com as lembranças mais duras, as cinzas de meus pais misturadas aos escombros de nossa casa.

Acordei, e já havia amanhecido novamente. E o meu pequeno irmão, não havia suportado, e também partiu, me deixando só.

O coloquei no mar e voltei para a cidade. Antes, porém, apanhei algumas ervas, soquei-as e levei para a cidade, para tentar vende-las.

Logo que retornei, que cheguei ao centro encontrei alguém precisando de ajuda. Então, passei-lhe o unguento. Outra pessoa que estava próxima, viu e disse:

_Garoto! Venha até aqui! Como se chama?

_João.

_Onde mora? Tens casa?

_Não senhor, meus pais foram mortos, e meu irmão

também se foi..., e eu estou só.

O senhor quer um pouco desse unguento? Ele serve para todo tipo de picada de inseto.

_Não, eu não quero. Você quer ir trabalhar para mim?

_Mas eu não sei fazer nada, senhor. Eu apenas faço estes unguentos.

_Não importa! Quer ou não quer ir?

Uma nova vida na fazenda

_Está bem. Não tenho mesmo para onde ir.

Então, eu acompanhei aquele senhor que ainda era bem jovem. Era magro, de porte atlético, e estava muito bem vestido.

E eu até que gostei dele, me pareceu ser uma boa pessoa.

Ele levou-me para sua fazenda, e quando entramos em seus pastos, exclamei:

_Puxa! Como é grande e bonita!

_Você gostou garoto?

_Eu nunca tinha visto uma fazenda de verdade. É tão bonita!

_Pois é. Agora você vai morar aqui conosco. Venha que vou te mostrar, por enquanto, onde você vai ficar.

Ele levou-me a um alojamento, e falou:

_Pronto, fique aqui, por enquanto. Vou pedir para alguém te trazer comida.

_Obrigado senhor, por me dar essa ajuda. Que os Deuses possam te retribuir.

Ele saiu, me deixando só, naquele enorme galpão, que havia nele apenas um jarro com água e uma espécie de colchão no chão.

Então, eu olhei ao meu redor, e senti uma saudade tamanha de nossa casinha. Que era pequena, não era rica porém, era confortável, e tínhamos uns aos outros.

E eu, em minha pouca idade, me senti o mais solitário ser na face da terra.

Mas alguém veio, e interrompeu meus pensamentos melancólicos.

_Venha rapaz. O meu senhor está te chamando.

Eu saí na companhia daquele jovem, indo ao encontro daquele, que se dizia dono e senhor daquelas terras, daqueles reinos.

E o entrar na casa grande, eu tive um baita susto, com a moça que lá havia.

_Ah! Pobrezinho, eu também fiquei só, filho.

_Porque a senhora me chama de filho? Eu não tenho mãe.

Ah, filho, eu sei. E eu também, não tenho filho. Deus levou-o de mim, e eu fiquei só. Mas agora eu tenho você, e é por isso, que eu o estou chamando assim.

Meu menino era como você, quase do seu tamanho.

_E do que ele morreu dona?

_Ele foi morto pelos cavaleiros do rei, como a sua família também o foi.

_E eu comecei a comer, e ela se calou. Depois, ela me levou a um pequeno quarto, e disse:

_ Este é seu quarto, filho, pois é o único que temos aqui, porque o outro é meu. E além do mais, você não deve se sentir bem, dormindo perto de uma mulher gorda e feia como eu.

Se precisar de mim, estarei ali naquela porta, bem a sua frente.

Ela saiu me deixando sozinho naquele lugar estranho. Era interessante, como aquela velha senhora me dava, me passava segurança, apesar de não nos conhecermos. Então, num impulso, gritei:

_Não, por favor, não vá! Não me deixe sozinho aqui, fique!

E ela voltou-se para mim, e já com os olhos cheios de lágrimas, disse:

_Ah, filho, muito obrigado por me deixar ficar perto de você, minha criança.

Deite-se aqui, com sua cabeça em meu colo, para que te conte alguma coisa para que durmas.

E eu deitei a cabeça em seu colo, e me senti incrivelmente leve. E logo, adormeci.

_Como era bom ter alguém ao nosso lado, para nos consolar das tristezas.

E quando acordei, já era dia alto, e ela não estava mais no quarto. E eu dei um pulo, e logo fui saber onde ela estava. E a vi diante de um enorme fogão, todo de barro. E alguma coisa que ela fazia, tinha um cheiro muito bom.

_Venha filho, venha tomar um café! Eu acabei de fazer uma broa de milho.

Você dormiu bem?

_Sim, Obrigado. Desculpe-me senhora, por eu ter sido grosseiro com a senhora, eu estava com um pouco de medo.

_Oh, não faz mal, eu sei que você não fez por mal.

Já se lavou?

_Não.

_Então, coma primeiro, que depois, te levo lá.

Sentei-me e comi em silêncio. Depois, quis saber por que me levaram para lá.

E ela me explicou que ela também era a dona daquelas terras, e que seu filho havia sido morto, e ela havia ficado muito infeliz. E o senhor daquelas terras, havia mandado o seu empregado atrás de alguém para fazer-lhe às vezes de filho. Pois ele já não suportava mais, as suas lamúrias.

Então, ela me disse que eu teria que trabalhar, teria que ajudar ao senhor das terras no plantio das sementes. Porque, haviam mais empregados naquelas terras, mas todos haviam morrido de uma doença muito grava.

Depois que terminei, ela me levou até uma bacia e me fez lavar os olhos. E depois, me deu umas

roupas estranhas. Mas como as minhas roupas estavam sujas e rasgadas, eu as aceitei sem questionar.

Naquela época, as roupas que todos usavam até mesmo, os que não eram abastados, eles usavam uma vestimenta engraçada, quase como um saiote que vinha até os joelhos. Era como as roupas dos centuriões que vocês conhecem. E que hoje, são como as vestimentas dos soldados romanos.

Depois, fui levado ao campo para plantar as sementes.

Agora, eu estava mais confiante, pelo menos, as pessoas daquele local, me pareciam com gente boa, e não me maltratavam.

Passei o dia na lida, e só retornei no final da tarde. Havia mais alguns homens que também trabalhavam ali. Mas todos estavam calados e de cabeça baixa. E eu perguntarei a mulher, porque eles agiam daquela forma.

Entrei na cozinha, acompanhado apenas do homem que havia me levado para aquela casa. Ele era um homem meio sisudo, bem alto e magro. De cabelos lisos e pretos. E tinha a cara cheia de cabelo, (barba).

E eu me olhava, via minha cara limpa, lisa, e achava estranho, aquela cara peluda igual a um macaco. A diferença dele, para o macaco, é que ele tinha as feições finas, enquanto que o macaco tinha a cara grosseira.

Ele levou-me até a cozinha e me deixou lá, saindo novamente sem nada dizer.

A mulher mandou-me lavar as mãos que estava cheia de terra, e depois, ela serviu-me uma deliciosa comida. Que comi com fartura.

Ali, naquela casa, os empregados não passavam fome como nas outras casas.

E eu acabei acostumando-me com ela, pois ela me tratava com muito carinho.

Depois ela me levou para o quarto, acariciou meus cabelos, e me deu um beijo na testa.

Eu sentia um pouco de saudades de minha

família, principalmente de meu irmão. O pobrezinho morreu de fome e sede. E todas as vezes que eu ia comer me lembrava dele.

Adormeci om lágrimas nos olhos. E sonhei com alguém me dizendo algo ilegível para mim, na minha pouca idade. Mas como eu sonhava a mesma coisa todos os dias, perguntei a ela o que significava.

_Senhora, eu posso te perguntar uma coisa?

_Claro, meu filho. O que é, está doente?

_Não, senhora, é que todas as noites, ao adormecer, eu tenho um mesmo sonho. E eu estou ficando com medo.

_Diga, meu filho, conte-me o que você sonhou.

_Eu estava sentado na lida, no meio do canteiro, onde jogo as sementes, quando um senhor de longos cabelos, e cheio de cabelos na cara. Só que seus cabelos eram longos e brancos. Ele chegou perto d mim, e disse:

_Filho, já está passando do tempo de você cumprir sua missão. Comece logo, filho, pois o tempo está passando. Aproveite que você já está no meio das ervas, e comece a sua jornada de curas. Eu estou ansioso para vê-lo trabalhando.

_Senhora, quase todas as noites eu sonho com isto, e todas as vezes que sonho, eu estou no mesmo lugar, e ele me fala as mesmas coisas.

A senhora sabe o que é?

_Filho, há quanto tempo vens sonhando com isso?

_Foi logo assim que cheguei aqui, e logo depois de alguns dias, começou. No princípio eu não ligava, mas se tornou insistente demais, e estou ficando com medo até de dormir.

_Não precisa ter medo, filho, isso, nada causará de mal em você.

_A senhora sabe do que se trata?

_Não, mas pelo que sei, com minha pouca experiência, é que você tem uma missão aqui na terra, e o temo já está se esgotando.

Vou leva-lo a um amigo que conhece os sonhos, para te orientar, de como você deve agir.

Depois que ela me explicou tudo, saiu, me deixando pensativo, ansiando por uma resposta concreta.

Era muito estranha a vida, e muito mais estranho os seres humanos.

E eu, como nunca entendia quase nada da vida, e passava pouco tempo com ela, porque agora, eu havia assumido minha função na lida, e não tinha tempo de ficar pensando em nada.

A noite chegou novamente, e eu estava do lado de fora, quando ela chegou e disse:

_Hoje, filho, nós vamos a um lugar que tem como saber, até onde é real esse sonho. Pois ele é difícil de entender, e por isso, não vou dizer nada, porque lá, as pessoas sabem esclarecer os sonhos, direitinho. E te dirá o que deves fazer, e como deves agir nessa sua missão.

Não é preciso ter medo, porque lá, saberás o que realmente deverás saber, e de como deverá agir. Mais tarde, após o comer da noite. Venha filho, vamos comer para que possamos ir até lá.

E eu, entrei com ela na cozinha, onde me serviu um prato de sopa.

Eu estava um pouco apreensivo com os últimos acontecimentos, mas nada falei, apenas fiquei a observá-la. E ela vendo-me pensativo, disse.

_Filho, não fique nervoso com o que está ainda por vir. Apenas viva o presente, e deixe o futuro nas mãos o Criador. Pois só a Ele compete saber o que devemos fazer no amanhã.

Eu sorri, e tive certo alívio.

Conhecendo a espiritualidade

E logo após terminarmos de comer, nos dirigimos para os fundos, no final da lavoura, onde havia um pequeno casebre. E lá chegando, percebi que já havia algumas pessoas, e que ao entrarmos, percebi que todos a olhava com respeito.

Depois, nos sentamos à espera de mais alguém.

Logo depois, entrou um senhor de meia idade, de cabelos totalmente brancos. E ele sentou-se em um banquinho a nossa frente. E logo, todos começaram uma espécie de cântico muito bonito.

E eu achei muito interessante, pois me senti atraído por aquela música um tanto estranha, mas muito familiar.

E depois de algum tempo, vi aquele senhor mudar o semblante, e falar uma linguagem estranha para mim.

E ele, chamou-me e disse:

_Se aprochegue menino. Eu já te esperava. Se aprochegue, pro mode eu vê, vos micê mió.

Ela fez um gesto com a cabeça, me mandando chegar até ao senhor.

E eu, um pouco receoso, cheguei próximo a ele.

_Ah, menino, há quanto tempo eu te esperava. Seja bem vindo a nossa casa, filho, que a luz do divino Mestre recaia sobre vos micê.

Vos micê tem uma missão a cumprir aqui nessa terra. E estou aqui para te ajudar a cumprir. A partir de hoje, vos micê vai vir aqui todas as manhãs, para que eu possa te instruir.

A vossa mãe pode te acompanhar.

E antes que eu falasse, ele me respondeu, lendo meus pensamentos.

_Ela não é sua mãe biológica, mas será, a partir de hoje, vossa mãe de coração.

Amanhã te espero para darmos início a sua

preparação.

Sei que você esta curioso, mas não carece não, pois logo saberás o que deves fazer.

Que a paz fique com todos.

E ele voltou a ser novamente o simples e sério senhor.

No caminho de volta, a mãe de coração, como a chamarei a partir de agora, disse:

_Filho, aquele era um espírito que sempre vem nos ajudar aqui na terra. E ele sempre vem nos acalentar, e nos curar quando precisamos. Não precisa ter medo, porque ele apenas vai te iniciar, para a sua missão ser proveitosa e de ajuda para muitos.

_Mas mãe de coração, que missão é esta? Do que vocês estão falando?

E ela me explicou que eu seria um curandeiro para aquelas pessoas que ali, naquelas redondezas residiam. E antes que eu argumentasse, ela disse:

_Você não sabe ainda, mas você tem um dom dado pelo criador, e a partir desse dom, que ele te ajudará a curar os enfermos.

_Mas como isso é possível?

_Não se apresse filho porque tudo tem a sua hora, não tente passar os carros adiante dos bois. Apenas espere os acontecimentos.

_Está bem, mãe de coração, eu confio na senhora.

Fui para meu quartinho, e me deitei pensativo, mas logo, adormeci vencido pelo cansaço. E acordei bem cedo, antes do galo cantar, com ela batendo a minha porta.

_Filho, acorde! Está na hora, vamos filho.

A INICIAÇÃO

Assustei-me pela hora, mas nada falei, apenas obedeci. Levantei-me e segui seus passos firmes na direção daquele casebre.

E para meu espanto, o velho senhor já me aguardava.

_Vejo que é pontual menino. Entre, que vou preparar alguns banhos para você.

E eu lancei um olhar de súplica para ela, que me acalmou com os olhos.

Aquela senhora deveria mesmo ser alguém muito especial para mim, pois ela tinha o dom de me acalmar, e de me fazer sentir, uma forte paz interior, me passada apenas, por seus olhos bondosos.

Então, fiquei a esperar os acontecimentos, e logo, ele voltou com uma tina pequena, com um pouco de água, pondo-a a nossa frente.

Depois, ele saiu novamente, voltando logo em seguida, com alguns ramos de ervas nas mãos. E macerando-as na água, disse algumas palavras inelegíveis para mim. E com os olhos fixos no alto, fez um gesto com as mãos, e mudou novamente o tom de sua voz e de sua fisionomia.

_Que a paz esteja em seu coração, menino.

Não tenha medo. Hoje, daremos início a sua tão bela e sofrida missão. E não precisa temer, apenas pense em um céu muito bonito e com muitas estrelas.

E ele pegou algumas ervas, e as colocou na pequena bacia. O que na verdade, não era como essas coisas de hoje, era apenas um tipo de lata meio mal feita. Um recipiente para colocar água.

E ele sentou-se em seu banquinho, e começou a triturar as folhas.

E nós, meros assistentes ao seu lado.

Ele triturou as folhas com as mãos e as colocava na água da bacia. Mas ele as amassava com delicadeza, e as

deixava tão amassadas, que a água tornou-se verde, da cor de musgo.

E depois, ele elevou os olhos aos céus e disse:

_Pai, eu aqui estou para dar início a minha missão, e que eu possa cumpri-la com sabedoria e humildade. E que daqui dessa humilde casa, saia um filho formado com as bênçãos do céu.

E Vós, com sua bondade e sabedoria, possa orientá-lo sempre no caminho do bem. E só depois, ele chamou:

Venha até aqui, filho. Não tenha medo, que eu apenas vou banhá-lo. Mas não se preocupe, porque não vou despi-lo, e seus documentos continuarão guardados. Há, Há, Há, Há, Há.

_Desculpe senhor.

_Ah, filho não se preocupe, esse preto está apenas brincando.

E quando ele disse isso, eu notei que ele estava novamente com a voz e a fisionomia diferente.

Então, ele pegou-me e mandou que eu me ajoelhasse a sua frente. E ele começou a jogar aquele líquido em mim, principalmente em minha cabeça. E depois que terminou, pegou um giz branco e riscou algo em minhas mãos. E disse:

_Pai, aqui está o seu filho. E aqui está o seu servo. Ajude-nos a cumprir a missão que nos deste.

E ele falou:

_Pronto, filho, amanhã você me venha novamente, que continuaremos com os banhos.

Esses banhos são para clarear sua aura, e a sua coroa. Depois a vossa mãe te explicará o que isso significa. Esses banhos são para purifica-lo, para que a sua mediunidade aflore, porque, nós estamos precisando de vós. Mas não precisa ter medo.

Depois, com um suspiro, sua voz voltou ao seu estado normal.

E nós ficamos a esperar que ele se levantasse do banquinho, para nos despedirmos.

Fomos para casa, e eu nada perguntei, e ela nada falou.

E eu ao chegar em casa, fui para a lida no campo, e ela voltou aos seus afazeres de casa.

Era incrível como eu estava me sentindo um tanto estranho. Era uma sensação boa, me sentia um pouco leve. E não foi nada fácil, tentar dormir, quando retornei ao quarto.

_Será de qual dom ele havia falado? Será que eu também, seria um curador? Mas eu não sabia curar, só sabia misturar as ervas para fazer as infusões. E um frio, percorreu minha espinha.

É... Eu acho que vou trabalhar na cura dessas pessoas.

A mãe havia me dito umas coisas e eu estava só lembrando.

Levantei-me, tomei um gole de água e voltei para a cama. Tive que voltar para a cama, para tentar dormir um pouco. A noite estava alta, e eu ainda estava acordado, rolando de um lado para outro, e não conseguia dormir.

Acordei com a senhora batendo insistentemente na porta. E de um pulo, já estava do lado de fora.

_Eu pensei que a senhora havia me abandonado.

_Nunca, meu menino, nunca!

Vamos que já está passando da hora.

Vesti-me rápido, e num segundo saímos caminhando lado a lado. E logo chegamos à casa do senhor.

E lá chegando, ele logo nos recebeu, e começou a preparar as coisas.

Todas as vezes que eu ia a sua casa, ele me iniciava em um dos sete sentidos, e ele começou pelo baixo chacra, descendo até o chacra do sexo. Mas que ainda estava adormecido, e que, logo após a iniciação ele afloraria. E eu então, já seria um adolescente com meus 16 anos.

E foi, quando ele fez a iniciação do último chacra, que começou a aflorar os outros dons mediúnicos. E nesse dia, tive meu primeiro contato com os Orixás de Umbanda. Foi logo após o costumeiro banho, baixou em minha coroa, o chefe de minha cabeça. E depois, foi logo vindo, falange por flange, e um após o outro, todos desceram.

Eu estou falando das iniciações superficialmente, pois não me foi permitido revela-las.

Depois que eu despertei todos os chacras, e recebi todas as falanges de Umbanda, eu comecei a dar início a minha missão.

Então, preto baixou na cabeça de meu então mestre, e

disse:

_Fio hoje nós terminamos sua coroação, e logo, você começará a dar início a sua missão. Portanto, fio deve começar tão logo vorte a casa de sua mãe, pois lá, estão esperando por sua ajuda.

Sua primeira missão,

Curar

Depois, preto se foi, e nós retornamos para casa em silêncio. E só quando já estávamos no meio do caminho, foi que eu perguntei.

_Mãe preta, o que eu devo fazer quando chegarmos em casa? Como será essa minha missão?

_Filho, o Criador quando nos dá uma missão, Ele nos dá os meios para que possamos cumpri-la a risca.

Não se preocupe, pois na hora que estiveres em sua casa, e se for chegado o momento de agir, tudo fluirá a seu favor. E você saberá que é hora de começar a agir, a por em prática tudo o que aprendeu.

_Obrigado minha mãe preta, por me ajudar a dar início a esta missão.

Chegamos em casa, e ela foi cuidar de seus afazeres. E eu, me resguardei em casa a espera do sinal que ela havia falado.

Desse dia em diante, eu não saí mais para a lida, e permanecendo no quarto. Deitei-me, e logo adormeci pesado. Porque eu levantava todos os dias, antes do sol nascer, para ir à casa do preto. E sonhei:

_Filho, hoje você dará início a sua missão. Meu senhor está orgulhoso de você, e logo, se mostrará uma situação em que você precisará usar tudo o que você aprendeu, em uma só hora, para salvar a vida de uma pessoa. E está, será a prova maior de sua iniciação.

Em seguida, acordei, e fiquei a meditar, e só depois, me dei conta, de como o tempo havia passado, e o quanto eu havia aprendido.

_Como eram sábias as leis divinas, e de como, tudo caminha em seu curso certeiro.

Só nós, é que não damos conta disso, de que tudo sempre caminha para o seu veredicto final.

E em meio, aquelas reflexões, me vi um mestre de iniciação de 1º grau. Um quase mago, pois eu só seria um, quando fosse posto em prática, tudo o que havia aprendido naquele humilde templo. E depois de tanto tempo, eu agora, era um quase mago da luz cristalina, um gerador das energias divinas.

De repente, alguém bateu em minha porta, me tirando do devaneio, e me assustando ao mesmo tempo.

_Abra! Por favor, menino, venha depressa, que minha esposa está morrendo. Venha por favor!

Ajude-nos, por favor, se não a perderemos!

Eu saí do quarto atordoado, e me deparei com o capataz da fazenda, o mesmo que havia me trazido para aquelas terras. E eu perguntei:

_Mas o que houve?

_por favor, venha depressa, não tenho tempo para explicar.

Então, eu só apanhei algumas de minhas ervas e saí às pressas, acompanhado pelo capataz.

E logo, chegamos ao meio da fazenda, em uma casa modesta, mas bem equipada. Com tudo o que é necessário a uma casa, para ter conforto. Entramos, e ele me levou ao

quarto, onde padecia uma senhora.

E ao chegar, me deparei com uma sena, que me arrepiou, e que me arrepia até hoje ao falar sobre isso. A jovem esposa estava deitada com os olhos vidrados no teto, e a boca a espumar.

Ela estava grávida, mas ainda não era hora do bebê chegar, senão, ele nasceria prematuro, fora de seu tempo natural.

A moça estava tendo convulsões e espasmos, minuto a minuto.

E quando cheguei perto dela, senti um arrepio, mas não era de medo, mas sim, por causa daquela situação estranha.

Aproximei-me dela, fechei os olhos, como o mestre falou, e fiz uma pequena oração. E depois, fui trabalhando em seu benefício, colocando algumas folhas das ervas em sua testa.

Era como se ali, não houvesse ninguém, apenas eu e aquela pobre jovem.

_Mestre dos mestres, Senhor e Criador do mundo, que Vós atueis em mim, e me faça seu instrumento, para que eu possa te servir da melhor forma, trabalhando em benefício do bem e do seu amor maior.

Logo que terminei, coloquei mais algumas ervas em sua testa, e depois em sua barriga. E a cada troca das ervas, eu pronunciava a mesma oração. E assim, foi feito em todo o seu corpo, da cabeça até o dedão do pé.

E quando cheguei a seu pé, parei por alguns segundos. Mas tudo isso, em transe, em perfeita sintonia com o criador.

Após essa pequena pausa, eu voltei a fazer tudo novamente, só que ao contrário. Do dedo do pé, fui subindo até que cheguei à testa novamente. Só que, em vez de colocar as ervas eu as ia tirando, e pronunciando outras palavras. E a maneira que retirava as ervas, eu ia limpando o local com um pano úmido o sumo que eu havia espalhado em seu corpo, parte, por parte.

_Criador do universo, assim como eu retiro estas ervas, retiro o mal que teima em permanecer neste corpo jovem, e que gera uma nova e linda vida. E que através de ti, eu a liberto deste mal, para que possamos te glorificar.

E também, Senhor, para que possamos receber este

fruto que ainda nem se mostrou a nós, mas que já sofre, com um mal tão terrível, que não sabemos como curá-lo. A não ser Pai, com sua misericórdia.

A moça já não se debatia tanto. E a cada erva retirada de seu corpo, menos ela se debatia. E por fim, quando cheguei a sua testa, ela já dormia profundamente. E o pequeno ser em seu ventre, já descansava, sem se preocupar, se sairia ou não, de seu esconderijo, antes do tempo.

E quando despertei do transe, estava todo suado, e sujo de mato. E o quarto também estava sujo de ervas e de sumo.

Mas a futura mamãe e seu bebê dormiam tranquilos em uma cama simples, muito limpa e alva.

E ao dar conta de mim, limpei-me também, e só depois, chamei os outros que havia saído do quarto. E todos ao entrar, também tiveram um grande espanto com os resultados alcançados. E todos deram graças a Deus!

E eu retornei para casa, e ao chegar, meu mestre estava lá a minha espera. E disse:

_Parabéns Filho! Foste brilhante! Você mostrou ao povo como um dom dado por Deus, como a sua misericórdia é ampla e gratificante!

Agradeci a ele a ajuda que havia me dado, e jurei por Deus, o Criador do universo que eu sempre trabalharia em seu benefício, em benefício do amor maior e da fé.

A moça não se levantou, pois estava um pouco fraca, e ela apenas abriu os olhos e sorriu. Virando-se em seguida para o canto da cama, dormindo novamente.

Logo a notícia se espalhou pelas redondezas. E não tive mais sossego. E todos os dias, a fila crescia, com pessoas doentes para serem curadas por mim. E cada uma que se sentava em minha cadeira, eu fazia o mesmo processo, que usei para curar a moça. E era assim, sucessivamente, até o último da fila.

E assim, eu vivi naquela região, até o criador me mandar para outro lugar. Eu já estava homem feito, não era mais nenhum menino, quando ele mandou-me partir dali, para tentar a vida em outra comunidade. E a cada dia, a vontade crescia dentro de mim.

Então, chamei minha mãe preta e disse:

_Mãe preta, estou com uma vontade muito grande de ir para outra comunidade, tentar a vida por lá.

_Mas como surgiu essa ideia, filho?

_Não sei, só sei que a cada dia que passa, essa vontade fica maior e mais forte.

_Era isso que eu queria ouvir, filho. E essa, é a sua nova missão. Vá, e que o Criador o acompanhe. E que eu possa te abençoar, e te ajudar a concluir essa missão.

E no outro dia, saí bem cedo, muito antes de o sol raiar, e antes de todos acordarem.

E ela disse com lágrimas nos olhos.

_Vá meu menino, que o Criador o acompanhe. E que essa mãe possa ter te servido para alguma coisa. E um dia, se o Senhor permitir, volte para me dar um abraço.

E eu partia para sempre da vida daquelas pessoas que aprendi a amar como minha própria família.

Na aldeia Zulu

Caminhei por dias, sem encontrar ninguém à minha frente. E quanto mais eu andava, mais tinha vontade de andar, e só parava para dormir. Ou a altas horas do dia, quando o sol estava muito forte, que se tornava impossível de se caminhar debaixo dele.

Então, descansava por algumas horas, e depois, prosseguia em marcha forçada.

Parecia que eu estava sendo guiado por mãos invisíveis, que me guiavam para um rumo certo. E que eu não sabia para onde, nem o que, encontraria a minha frente.

Porque a região era desértica, e só tinha muito mato, e serras altíssimas. E foi em uma dessas regiões, quando subi em uma colina, e bem no cume de seu topo, avistei uma pequena e pobre comunidade. Então, desci e caminhei célere

até ela, pois faltavam alguns dias de caminhada, para eu chegar lá.

E quando cheguei ao final da descida, do lado contrário ao que subi no sopé da serra, eu estava diante de uma pequena e muito simples comunidade.

Havia muitos casebres, mas muitos estavam vazios e em escombros. Eram todos muito pequenos, e feitos de barro. E suas paredes eram feitas de varas finas entrançadas.

Aquelas casas pareciam que foram construídas com o mesmo propósito. Pois todas estavam em fila, como se fosse uma aldeia. E no centro delas, havia uma cabana, um pouco maior, só que nela não havia paredes. Ela só tinha teto, e vários bancos, feito de tora de árvores, bem redondas, em fila. E em toda a extensão daquele telhado.

Entrei devagar, e vi que parecia deserta. Mas como era cedo, madrugada alta, sentei-me naquela casa aberta. E vencido pelo cansaço, adormeci ali. E tive um sonho muito interessante.

Sonhei que ali, eu constituiria família, e que, refaria minha vida, até quando ficasse bem velhinho.

Acordei com algumas pessoas olhando para mim. E eu, sem entender o que falavam, elevei meu pensamento ao céu, em pedido de clemência. E logo, apareceu um guru, uma espécie de curador.

Ali era uma tribo dos antigos Zulus, os guerreiros feiticeiros dos astecas, e todos eram muitos maus.

Ninguém ali tinha piedade de seu próximo, e eu senti um frio percorrer a minha espinha.

Eles chegaram com suas lanças e olhavam-me de cima a baixo. Talvez, por me achar estranho, pois eu estava muito magro, devido aos muitos dias de caminhada.

Então, eles fizeram só um sinal, uma ordem com a cabeça. E logo em seguida, eles me amarraram por um dos pés, em um daqueles tocos.

Eu era como uma presa a espera de seu dia de ser sacrificado. E logo, alguém voltou com uma bacia com água e outra com algumas frutas. E deixaram perto de mim.

Bebi e comi a vontade, mas fiquei a me indagar o que me aconteceria, já que no sonho que tive, eles não davam cabo de minha vida.

Elevei novamente o pensamento, aquela que havia me

ensinado tudo. E logo, veio uma luz em meu auxílio, e uma forte vontade de sair dali. Mas como? Se eu estava preso e sem nada em minhas mãos para cortar aquele grosso cipó.

Então, fiquei a olhar para aquela grossa corda de mato, com muita vontade de parti-lo. Mas sem saber como.

E foi com grande espanto, que o vi virar cinzas a minha frente. Então, saí apenas do lugar que eles haviam me colocado me deitando mais a frente. Pois um sono muito forte pousou em meus olhos, me fazendo dormir pesado. E só muito mais tarde, foi que acordei, com o alarido que eles faziam.

Porque o guarda havia trazido mais comida, e ao se deparar comigo solto, e dormindo, ele fez um escarcéu medonho, me acordando. Então, sentei-me a olhar para eles, com enorme espanto. E veio um, que me pareceu ser o chefe. E ele era tão feio quanto o tinhoso. Era gordo e muito alto, e usava uma roupa muito estranha. Que mais parecia com o telhado daqueles casebres.

Ele usava aquela roupa que o cobria dos pés a cabeça. E ninguém via seu rosto, e nem dava para saber, se ele estava de frente ou de costas. Se ele era homem ou mulher. Então, ele chegou perto de mim, e fez um gesto para que me levantasse.

Então, me pus de pé a sua frente. E ele me induziu a andar até outro local, outra cabana, me trancando lá.

Olhei, e vi que eles encostaram uma grande pedra na porta. E logo, eu soube que eles me deixariam ali, até que eu morresse de fome e de sede.

Mas como eu ainda estava de barriga cheia, me sentei, ficando a observar tudo ao meu redor.

Esta casa era como se fosse uma cela, e não havia meios de sair dela. E eu tive o mesmo arrepio.

Mas não me desesperei, e no mesmo instante, elevei meu pensamento a minha mãe preta e logo adormeci tranquilo, na certeza que ela me ajudaria a me libertar dali também.

E lá pelas altas horas da noite, despertei e me sentei no centro do casebre. E tive a mesma forte vontade de sair, de me libertar dali, como da outra vez.

E vi um vendaval enorme soprar com tanta intensidade, que arrancou o casebre inteiro, me deixando livre, no centro daquele terreiro.

E como das outras vezes, como se eu estivesse sendo induzido, dormi pesado.

E novamente, só acordei com o alarido de suas vozes ao meu lado. E ao abrir os olhos, vi milhares daqueles seres ao meu redor.

E eles me pegaram e me levaram até outro local, e me puseram numa espécie de tronco, uma tora enorme, como se fosse uma cadeira. E todos se curvaram diante de mim. E sem saber o que fazer, fiquei só a observá-los, até que todos se dessem por satisfeitos.

Então, alguém veio até mim, e me colocou uma daquelas roupas estranhas.

E a partir daí, começaria tudo novamente. E alguém chegou diante de mim ferido, e eu curei sua enfermidade. E assim, passei mais uma boa parte de minha vida.

Aprendi a me comunicar com eles, e até já fazia algumas de suas danças, e de seus rituais estranhos. Mas em nenhum momento, me senti como na minha antiga morada.

Certo dia, eu curei uma jovem que tinha sido picada por uma serpente. E me apaixonei perdidamente por ela. E logo, seus pais trataram de fazer nosso casamento. Pois todos me respeitavam e me queriam bem.

E como eu já havia visto em sonho, “constituí minha família”. Só que desta vez, era minha de verdade. E logo ela me deu alguns filhos, que eram meu orgulho.

Só que tudo passou rápido, e fiquei velho. E um dia, fui chamado pelo chefe da aldeia.

O começo das provações

_Terás que dar sua vida para os deuses, pois assim é a nossa tradição. Terás que se dar em sacrifício.

Então, eles me levaram ao topo da montanha e me deixaram lá em oferenda aos Deuses.

Só que eu estava vivo, porque eles não tiveram coragem de me sacrificar, pois diziam que dava má sorte a quem sacrificasse um “escolhido”.

E naquela montanha, fui dado aos Deuses. E fiquei ali, sem água e sem comida tentando sobreviver da melhor forma. Mas como eu era velho, e além do mais, não podia voltar à aldeia, e para não morrer de fome, tive uma ideia que foi me dada pelos Zulus.

Eu descia da montanha todas as tardes, e ao anoitecer chegava à aldeia. Mas eu assustava seus moradores, porque eles pensavam que eu era um espírito do mal. E para que esse espírito não entrasse em suas casas, eles me deixavam algumas oferendas em frutas, carnes e mel silvestre. E sempre eu ia a uma casa diferente.

Um belo dia, quando estava recebendo as prendas, quando um de seus moradores abriu a porta e disse:

_Eu sei quem é o senhor! Pelos Deuses! Salva meu filho, que eu nunca revelarei para os outros quem é o senhor.

Então, entrei naquela casa e curei o filho daquele povo que estava com o corpo tomado em chagas.

Essa era uma doença muito comum em nossa época.

Depois, para eu botar mais medo no povo, coloquei em meu corpo, em minha roupa, alguns chocalhos feitos de sementes, para que fizesse uma espécie de barulho bem diferente, para que todos soubessem que era eu que estava se aproximando.

Recebi vários nomes por causa disso. Eu era o deus do mal, das chagas, da peste... E onde eu passasse, ou que encontrasse alguém doente, passava minhas ervas e o curava.

Eu usava as roupas de palha, para que todos me identificassem, mas nunca tive peste, nem meu corpo era

tomado de chagas. Apenas, usava esse tipo de roupa, porque me designaram na aldeia, como feiticeiro e curador. E isso, eu sempre fui, e sou, até hoje. Pois quando me chamam para interceder por alguém, me apresento vestido como tal. Só que não me apresento como um leproso, e sim, como um pajé feiticeiro e curador.

Agora é que começarei a contar uma parte muito triste de minha existência terrena. E se não quiseres continuar, é só falar.

Obrigado por me dar esse prazer, apesar das dores que me causam, ao me lembrar dessa parte.

O povo criou muitos mitos a respeito de nós. Inventaram tantas asneiras, que até para se desfazer o mal que inventaram, vai ser muito difícil. E eu, até hoje, não sei, de onde tiraram essa história de leproso.

Ah, meu Senhor, quantas asneiras, esses insanos ainda vão inventar? Quantos erros, quantas falsas memórias inventaram sobre nós. E até comigo, um senhor tão temido, fizeram isso.

Eu curo e curei muitas pessoas em minha época, quando vivia na terra, curei muitas pessoas com esse mal, mas isso, essa doença era só nos outros.

O meu Senhor não me permitiu dizer às verdades que eu queria, em respeito a você. (a médium)

Mas ainda direi o que penso, falarei para que não continuem a mentir, a inventar tantas bobagens.

Certa vez, saí mata adentro, pois sentia uma imensa vontade de me isolar, porque eu não tinha mais sossego. E às vezes, precisava me isolar para adquirir mais forças, mais vigor para continuar a passar essas energias curadoras às pessoas.

E embrenhei-me mata adentro, e lá, no coração da selva me deitei no chão, e bem no centro do céu vi o sol, que com seus raios fortes, me aqueceu no chão daquela imensidão verde. E senti seus raios dourado, dourando todo o meu corpo; senti sua quentura atingir o mais profundo de meu ser.

E sua quentura, o seu calor, ultrapassou os limites humanos, me tostando o corpo, me deixando aberto em chagas, mas essas chagas eram em minha alma, que doía por eu estar ali, preso naquele lugar.

Não quis mais voltar à aldeia, mesmo que às

escondidas, e fugi as minhas responsabilidades de curador, pois não conseguia mais sair do meio da selva.

E permaneci para sempre em seu interior. E nunca mais voltei a ver ninguém, nenhum ser vivente. Em se tratando de seres humanos.

Embrenhei-me no meio daquela imensidão verde, e quanto mais andava, mais queria andar. E num certo dia, adentrei em outra aldeia, outras terras Zulus, mas pisei em seu solo sagrado.

SACRIFÍCIOS HUMANOS

Os Zulus tem uma montanha que é reservada aos que partem. E nessa serra bem alta, cheia de árvores e muitas pedras, eles abriram uma enorme caverna. E debaixo da terra, juntou-se a uma clareira de um vulcão. E eles se simpatizaram com aquele senário, para cultuarem os mortos.

E em noite de lua cheia, eles adentravam naquele solo, tocavam seus atabaques com seus feiticeiros. E todos eles vestidos como eu. E com o resto do corpo pintado de branco.

Em sua pele tão escura, eles passavam um pó branco. Que era tirado de uma areia bem fininha e clara, dada no centro da gruta.

E ela, ao ser socada se transformava em um pó branco, como se fosse tinta.

Eles usavam roupa de palha, que era a representação dos feiticeiros, e com o resto do corpo pintado de branco,

cultuavam seus mortos.

Quando cheguei ao centro da gruta, fiquei fascinado com o que havia em seu interior. Então, me sentei e fiquei a observar tudo. De repente ouvi um ruído de vozes, e me escondi deles debaixo de uma rocha, para ver quem era.

Mas logo fui descoberto, não sei como, mas aqueles feiticeiros tinham certo poder, e tinham uma sensibilidade muito grande, que acabaram percebendo minha presença. E me procuraram até achar.

E foi aí que começou meu calvário, pois eu havia adentrado e profanado solo sagrado.

Naquela caverna, havia tantos corpos, que acabei sentindo forte arrepio, ao entender o que se passava ali. Pois naquele local onde eu estava, era o local onde eles faziam os sacrifícios em homenagem ao deus dos mortos. E como eu havia profanado aquele local, eles iam me punir pela desobediência. Pois eles também sabiam quem eu era, pelas roupas que eu usava.

Então, eles me amarrariam, e logo adentrariam milhares deles, e todos vestidos como eu, usando roupa de palha e capacete de caveira na cabeça.

Senti nojo daquele local, mas era tarde demais para arrependimentos.

Eu sabia que eles não me sacrificariam, porque eu era um curador. E era pecado tirar minha vida.

Mas o que será que eles fariam comigo? Isso, eu não sabia.

Logo entrou um grupo, carregando uma jovem guerreira, era quase uma menina. Ela estava com os seios à mostra, e no resto do corpo, ela usava uma túnica como um saiote, só da cintura para baixo.

Era bela, a quase moça. Pois seu corpo era ainda de uma menina.

Tive pena só de uma coisa, do que aqueles monstros fariam com ela. E fiquei apreensivo, com minha dedução.

Eles a colocaram em cima de uma mesa, no centro da gruta, e ficaram em volta da mesa.

Tinha no corpo o sinal da morte. Que era o esqueleto branco pintado no tronco de seus corpos.

Eles ficaram a observá-la, como se quisessem hipnotiza-la. Ela não se debatia, pois sabia que seria inútil

lutar ou espernear. Era o seu fim, e eu não poderia fazer nada para ajuda-la.

E pelo o que me pareceu, a lua iria chegar ao centro do céu, e entraria por um orifício, e viria iluminar o corpo da moça, que estava no centro da mesa.

E foi ai que começou a pior das cenas, que até aquela data, eu não havia presenciado sena mais cruel do que esta.

Todos os guerreiros em um ritual macabro, dançando em círculo, em volta daquela mesa. Eram sete ou mais homens. Havia muitos outros, mais ficavam mais afastados, deixando livre, um espaço entre esses outros que dançavam.

E eles começaram a emitir um ruído, como se fosse um canto agudo e macabro. Um canto lancinante de horrores.

E os guerreiros que estavam ao redor da mesa, começaram o tal ritual. E um de cada vez, passava um tipo de óleo no corpo da jovem. Juntamente com as danças, iguais num mesmo ritmo. Era mais ou menos assim:

Zulia, Zuza, Zulua.

Zulia, Zuza, Zenza, Zulua.

Zerere, Zerere.

E assim, pausadamente, todos, um após o outro, usaram a jovem brutalmente. Todos estavam com seus sexos eretos, e com tamanho descomunal para um ser normal.

O ar se encheu de um cheiro forte, e um incenso, com cheiro muito mais forte foi soprado. Enchendo o local de uma fumaça fétida.

E depois, eles acenderam uma fogueira, e enquanto os sete guerreiros feiticeiros usavam um após o outro a pobre moça.

E os outros guerreiros dançavam e diziam nomes, invocando os deuses da morte, os demônios do mal.

Era aterrorizante ver o que eles faziam ali. E isso durou a noite toda.

E depois de muito tempo, o último terminou de saciar seu imbecil e imundo instinto. Então, o primeiro deles pegou um punhal e o cravou no peito da jovem. E quando seu sangue esguichou os tambores sessaram, e todos se ajoelharam em silêncio.

E o que parecia o chefe deles, pulou em cima dela e

sugou o seu sangue, seguido dos outros.

E eu, caros filhos? Desmaiei...

Quando acordei, tudo estava em silêncio, e não havia mais vestígio de nada, nem mesmo daquela pobre jovem, não restou nada.

E seu corpo, o que será que fizeram com ele? Será que eles também o comeram? Seriam aqueles monstros canibais?

_Meu senhor, onde foi que vós me colocastes? O que acontecerá comigo? Serei também, sacrificado?

E só de pensar, me correu um frio arrepio pela espinha.

O silêncio ali era mortal, e como o sol estava começando a surgir, um fino raio de luz entrou naquele buraco. E na penumbra, vi vários crânios, varios esqueletos atirados ao longo de uma trilha estreita, que ia para além daquela caverna.

Elevei meu pensamento aos céus, e tive vontade de rezar, pois a incerteza de meu futuro me dava muito medo.

E amarrado como estava, rezei... Rezei de pé, sem nem ao menos, poder colocar as mãos postas. Pois estava amarrado em cima de alguma coisa.

E ao virar um pouco a cabeça, um grito de dor e pavor saiu, sem que eu pudesse segurar.

É que eu estava amarrado em cima de um estrado de madeira, coberto com algumas palhas, e em baixo, havia uma fogueira.

Eu estava em uma posição muito ruim, porque eles me amarraram naquele estrado, tanto os pés, quanto as mãos, só deixando a cabeça livre.

De repente ouvi um ruído, e fingi que estava meio sonolento. Em seguida, entrou um grupo de homens na gruta, e eles entraram como se estivessem à procura de algo, ou de alguma coisa. E olharam por todos os lados.

Aquilo me deixou intrigado. Então um deles disse alguma coisa, e todos saíram.

Eu não entendia o que falavam, mas pelo gesto que faziam, pareceu-me que estavam à procura de algo, ou de alguém.

Eu comecei a ficar com medo, e achei que deveria tentar sair dali, para salvar minha pele. Pois a próxima vítima

poderia ser eu.

Mas por mais que eu rezasse, por mais que pensasse, não consegui achar uma saída para aquele imenso problema.

Tentei me soltar das cordas, como das outras vezes, mais nada acontecia. Eu rezei, e rezei e nada. E acabei por adormecer, cansado de tanto lutar com meus pensamentos. E sonhei que o Senhor dizia:

_Filho tenha fé no seu Pai, não se desespere, pois eu sou contigo, e nenhum mal te acontecerá.

Espere em mim, que Eu, na hora certa, te libertarei.

Quando acordei, estava suando, e meu coração estava apertado e aos pulos. E num ímpeto de desespero, chorei copiosamente. Então, lembrei-me várias vezes do sonho. Era como se aquela voz me dissesse, falasse dentro de meu íntimo, que não temesse.

Mas eu não queria esperar, queria sair para longe dali. E meu desespero aumentou.

_Hoje sei, que se eu tivesse tido um pouco mais de fé, se não tivesse deixado o desespero ter tomado conta de meu ser, se tivesse rezado mais, se tivesse me entregado de corpo e alma ao Pai Maior e deixado tudo em suas mãos mesmo no desespero, Ele teria me socorrido. Porque Ele já havia me escutado, mais...

Mas eu, filhos, não tinha uma fé inabalável no Pai, e por isso, não consegui dominar a anciã de sair dali.

Então, o desespero tomou conta de meu ser, a ponto de eu não mais conseguir rezar. E comecei a arquitetar um plano para sair dali de qualquer jeito.

E depois de muito pensar, sem chegar a nenhuma conclusão, fui interrompido de meus pensamentos por mais um grupo de guerreiros que entrou novamente na gruta. E eles vinham trazendo mais uma jovem. E essa, era apenas uma linda e indefesa menina.

Era uma meninazinha tão pequena, que mal tinha feito seu corpo de moça. E eles a deitaram, na mesma pedra, do centro daquela caverna. E ela sorriu para eles, e eles saíram em seguida.

Ela olhou pra mim, e sorriu também. Mas eu não retribuí o sorriso que ela me lançou. E ela ficou a me olhar, como se tivesse pena de mim.

Ela não disse nem uma palavra, e virou seu rostinho

para o outro lado, e ficou quietinha a espera de seus algozes.

E cada barulho que eu ouvia, já pensava que eram eles que vinham.

Mas desta vez, eles não vieram, e eu fiquei mais intrigado ainda. Então, comecei a observar o curso do sol e da lua, e achei que a lua não estava grande, pois seu clarão não entrava no centro do buraco. Pois quando ela estava redonda, seu clarão iluminava toda aquela pedra do centro da gruta, e careava por completo a pessoa que estava lá.

E deduzi que eles seguravam logo sua presa, deixando-a ali, até o dia fatídico.

_Agora, vou parar por alguns minutos para fazer uma observação.

Hoje após muitos milênios do fato ocorrido, ainda me sinto angustiado, com o que vou relatar a vocês. Mas interrompi esse relato, para fazer essa observação, para que sirva de auxílio aos muitos filhos, que como eu, são provados na carne.

Quando vocês estiverem em um beco sem saída, quando vocês virem que a situação está saindo do vosso controle, pare, reze e medite uma, duas, três e até mil vezes se for preciso, antes de tomarem uma decisão. Porque, essa decisão será a que irá decidir suas vidas até a chegada de sua hora derradeira.

Por isso, antes de se desesperarem por completo, dobrem, ou apenas, se não puderem dobrar vossos joelhos em oração fervorosa, mas que vocês apenas rezem com a força de forças almas, do fundo de vossos corações, e peçam clemencia ao Senhor, porque Ele sempre nos ouve, e achará a solução, mandará seus Anjos em vosso auxílio.

E assim, através da fé e da comunhão, na simplicidade do coração fervoroso, ele vos salvará, seja do que for. E por mais cruel que seja a prova, não se desesperem, apenas rezem.

Pois bem, continuemos...

Os raios da lua começaram a entrar com mais intensidade, e iluminou quase toda aquela criança. Ela não se mexia mais, pois há vários dias que não se alimentava.

Então, um deles entrou, e trouxe-lhe uma bandeja de frutas, deixando-as do seu lado, juntamente com um recipiente com água. E fez o mesmo comigo. Então, deduzi que eles não nos queriam fraco, e que nosso fim estava

próximo. Pois a lua estava quase em sua total plenitude, ou seja, cheia.

Comi, e não desperdicei nada, deixei algumas frutas escondidas, para os outros dias. Se houvesse outros dias...

Vi que a criança não queria comer, e tive pena dela. Mas ela não entendia o que eu falava. E depois daquele primeiro dia de sua chegada, ela não mais olhou para mim.

Eu rezei, mas o Pai nada me disse. E rezei novamente, mas nada. E o pior aconteceu...

Eu tive ódio, muito ódio de tudo, e até do Pai, pois ele havia me abandonado. Mas nesse momento, as cordas se soltaram de meu braço, e me vi livre, de uma das mãos.

E num ato de desespero, ao invés de agradecê-lo, de rezar e pedir a Ele clemência por mim e por aquela jovem. Mas antes de tentar soltar-me totalmente, primeiro, blasfemei mais uma vez contra aquele que queria fazer uma grande obra dentro daquele inferno.

Então, soltei minhas mãos, mas antes de soltar os pés, gritei com muito ódio em meu coração.

_Para o inferno, Deus! Para o inferno com sua bondade e benevolência! Vós não me abandonastes, mas não pense que te agradecerei por isso, porque não quero esperar aqui, por minha morte. E também, não quero ver mais um ser inocente ser morto na minha vista.

Quando aquela criança me viu solto, seus olhos se encheram de pavor, e tentou em vão me dizer alguma coisa. E eu, em minha infeliz ira, não percebi nos olhos de um anjo, a salvação. E me atirei na lama, para sempre.

Soltei suas mãos, e a tirei da mesa. E ela, balançava a cabeça, negativamente, e aos prantos insinuava para que eu a deixasse ali, onde eles a haviam colocado.

Parecia que ela sabia o que ia acontecer a nós, e o que eu iria fazer.

E em seu desespero, ela tentava fugir de mim, e começou a gritar e a se debater. Só que em vão, pois ela era ainda muito criança, devia ter no máximo, seus 11 anos. E por isso, não tinha forças para mim.

Com seus gritos, logo uma multidão de homens entrou na gruta, e me vendo com a menina nos braços, todos se ajoelharam. E um silêncio aterrador, fez-se no local.

E eu, sem entender nada, pensei que fosse comigo.

Leigo engano...

Logo, um estrondo aterrorizador ensurdeceu a todos que estavam ali. E fortes labaredas clareou aquele local. E um ser, que era a própria chama, se fez a nossa frente, e logo disse:

_Servos! O que está havendo aqui? Porque me chamaram?

E virou-se para mim, e disse:

_Onde pensa que vai, verme inútil, com a minha criança? Será que pensas em leva-la? Ela me pertence, e vai continuar aqui, até que se faça moça para mim. Porque ela está muito magra.

Solte-a! Servo de Agni, e se comporte diante de seu atual senhor. Pois de hoje em diante, você me servirá.

Você sabe que me interesso por você? Quero que me ensines, como se faz, para se soltar de tantas prisões.

Depois que ele terminou de falar, tirou a menina de minhas mãos, e a levou de volta a mesa.

E enquanto aquela tocha humana acompanhava seus servos, a levar a criança até a mesa, eu, num ato de desespero, peguei a lança, de um dos guardas que estava de joelhos a minha frente, e a cravei nas costas, do lado esquerdo daquele ser infernal.

E ele, deu um urro de dor, voltando-se furioso para mim. E eu, em total desespero, fugi por entre os homens. E os que se punham a minha frente, eu decepava suas cabeças. E ia me embrenhar caverna a dentro, mas antes, olhei para traz e não vi o ser infernal, pois ele havia se desmaterializado, havia desaparecido.

E de um salto. Cortei as cordas que amarrava a criança e a trouxe comigo.

Por causa do desespero muitas vidas foram ceifadas.

E nessa fuga louca, matei mais de uma centena de homens, porque quase todos estavam abaixados, de joelhos e de cabeça baixa, em sinal de respeito aquele ser infernal. Pois eles não podiam se levantar diante de seu senhor. E todos morreram sem poder esboçar qualquer reação.

Quem olhasse de cima, veria uma guerra sangrenta. Era como se um monte de soldados tivessem em batalha, e caído numa emboscada, tivessem morrido milhares de homens. Mas ali, só eu era culpado daquele massacre.

_Agora, abro novamente um espaço, e pergunto:

E se eu não tivesse mudado o meu destino? Se tivesse sido paciente, tivesse cumprido minha missão? Se tivesse esperado pela libertação do Pai. Será que eu teria sido morto? E aquela criança, também teria sido morta?

Mas eu vos respondo, não e não! Como ele dissera, eu tinha um selo do Criador, e era um Agni sagrado, e aquele ser das trevas, não tinha poder para me dizimar da face da terra.

Nem ele, nem ninguém! A não ser, meu Criador.

Portanto, ele poderia me maltratar, poderia fazer o meu corpo carnal sofrer horrores, mas jamais tocaria em minha alma, que era cristalina, e tinha um selo de Agni Sagrado.

Mas infelizmente me precipitei, e pus a perder, o que meu senhor levou milênios, para conseguir. Que era botar um filho dentro daquele covil, daquela podridão.

E eu, em apenas algumas horas, havia posto tudo a perder.

_E por isso, filhos, que esse pai, da esquerda, digo agora:

Perseverem filhos! Perseverem em seus objetivos, pois o Senhor do Universo sabe onde Ele põe seus anjos para agir, para atuar em benefício de um todo.

Ele sabe das dores que eles passarão, mas se perseverarem, e não temerem as dores da carne, logo os resultados ocorrerão. E a vitória será certeira.

Não façam como eu, que não tive perseverança, e pus, coloquei todos os milênios de evolução, fora, em apenas algumas horas.

Apanhei aquela criança, e me embrenhei caverna adentro, deixando para trás, a lama de sangue e de corpos naquela caverna.

E essa, foi à última vez que vi aquele ser na minha existência terrena.

Entrei até os confins daquela gruta, e não mais pude sair de lá. Pois ao correr por caminhos tão estreitos, que só água passava, causei um desmoronamento que fechou a sua entrada, me prendendo para sempre, em minha própria prisão.

Quando tudo sessou, a criança havia desmaiado. E eu a coloquei no chão da gruta, e fui à procura de alguma saída, de alguma ventilação de ar, pois estava uma escuridão medonha, não se via um palmo à frente de nossas vistas.

Andei um pouco mais, e vi uma cachoeira cristalina, com uma bica maravilhosa que caía suave, tranquila, sem se importar com nada ao seu redor, nem mesmo a desgraça ocorrida há poucas horas atrás.

Apanhei e bebi aquela água. Banhei-me como se quisesse limpar novamente a minha alma. Mas seria inútil! E um nó se fez em meu peito, me tornando um ser vazio e seco. Pois o amor maior que aquece qualquer ser, e o deixa leve e cristalino como a uma criança, Esse, não habitava mais em meu ser. E agora, eu era o espectro de um ser ainda vivo, mas já morto por dentro.

Lavei-me e recoloquei minha roupa de curandeiro, a roupa de palha, e voltei para dar água à menina. Mas ao chegar ao local que eu havia deixado, ela não estava mais lá, havia saído de onde eu a havia colocado.

E sem coragem, apenas me sentei, e recostei-me em uma rocha. Não tive coragem de ir atrás da menina. E apenas reclinei-me na rocha e dormi, por longas e intermináveis horas. Porque ali, não tinha nada o que fazer, a não ser, esperar.

Quando acordei, a menina estava ao longe, a me espreitar, e quando me mexi, ela, arisca, afastou-se.

A gruta ainda estava em total escuridão, e ela tinha o corpinho nu, da cintura para cima, e tinha nele, alguns riscos com uma espécie de tinta branca. E seu corpo era riscado com desenhos de um esqueleto. E só por isso, que eu

conseguia vê-la.

Mas como não esbocei nenhuma reação, ela atirou em mim uma pedra, e correu novamente.

E eu, mais recuperado, saí em disparada atrás dela. Então, vi que ela queria me mostrar, que havia arranjado outro caminho. Então, parei de correr, e a segui sem dizer qualquer palavra.

Caminhamos por aquele morro, que foi dar do lado de fora daquela caverna. Mas ao sair, vi que estávamos em cima de um precipício, e não tínhamos como descer.

Mas pelo menos, podíamos ver a luz do dia.

Olhei ao meu redor, e vi que estávamos no cume da montanha, e a saída, era para baixo. Mas nós não poderíamos descer. Então, ficamos apenas a olhar a mata lá em baixo.

Depois, entrei novamente, para ver se achava comida. Eu era acostumado a viver no mato, e logo, encontrei alguns ovinhos, que não sei se eram de pássaros, ou de algum bicho rasteiro.

E como eu era um feiticeiro, do nada acendi um fogo, e os coloquei nas brasas, para depois comermos.

Eu não queria pensar, como seria minha vida dali pra frente, mas no mesmo instante pensei: Pelo menos, eu havia salvado um anjo das garras daqueles chacais.

Mas e as vidas que eu havia ceifado? Ah, essas não valiam nada para mim, pois eram pecadoras e malditas almas.

Passei muitos séculos, enfurnado naquela gruta, e lá fizemos nossa morada.

Eu já era um velho, e a criança, era apenas uma jovem menina. Mas ela, não suportando a solidão da gruta, suicidou-se, deixando mais esse peso em meus ombros, mais um débito perante o Criador. E fiquei só naquela gruta. Mas isso não me importava, o importante era que eu havia saído das garras daqueles chacais.

Eu era um velho, muito velho,

Que morava numa casa de palha,

E na porta da casa eu tinha

Um bastão de melão, e uma roupa de palha...

Eu sou um velho, muito jovem,

Que mora numa gruta de pedra,

Na porta da gruta eu tinha,

Um bastão de melão, e uma roupa de palha...

Os dias passavam lentamente, e cada vez mais, me dedicava a conhecer as plantas. E os bichos rasteiros, eu tirava seus couros, e fazia várias roupas.

Mas a roupa que eu mais gostava, era a roupa de palha da costa, que eu fizera na primeira aldeia.

_Ah, como a vida, o destino às vezes nos é cruel! Como sofri naquela gruta, sozinho, sem o amor de minha companheira... O que será que ela, pensou de mim?

O criador estava me testando, estava me pondo a prova novamente. E Ele, não queria olhar para esse filho, que ceifou da face da terra, milhares de seus filhos.

Mas porque vós me deixastes ficar preso, no meio daquele povo?

Ah, meu Senhor, como sou infeliz! Como vós foste duro para comigo. E agora? O que farei se não posso mais caminhar?

Morrerei de fome e de sede? Pois não consigo mais sair daqui para caçar. Hoje sou um velho inválido e muito triste...

A realidade ao prestar contas com o Criador

Deixei meu corpo inútil, e fui prestar contas de meus atos, com meu Senhor e Criador.

Ao me deparar em espírito, me vi, continuei a me ver um velho inútil e doente. Mas porque será?

Sei que já fiz minha passagem, porque em vida, fui um velho sábio.

Nas mudanças dos ciclos da vida terrena, como o da vida espiritual, não tem nada a ver, uma com a outra..

_Meu Senhor, ajude-me, não consigo enxergar nada! Aqui é mais escuro do que naquela maldita gruta.

Ajude-me meu Senhor, que prometo trabalhar mais do que quando eu trabalhava na terra.

Prometo ajudar-te a curar os que estão sofrendo.

Ajude-me meu Senhor!

Senhor justo e bondoso, que habita o alto do altíssimo. Que sana a dor, e que corta o mal dos seres que clamam por sua ajuda.

Dê-me uma chance de provar, o meu respeito por ti.

Dê-me uma chance, de ajudar-me a me erguer novamente.

Dormi, dormi muito sem conseguir, ainda me levantar.

Eu, quando na terra, já havia me prostrado definitivamente, e agora, como espírito, continuava do mesmo jeito.

Não sei ao certo, quanto tempo passei dormindo naquele túnel escuro. Lá, eu não ouvia vozes, nem havia ninguém para me ajudar.

_Onde será que eu estava? Que diabos estava acontecendo comigo!

Será que a gruta desabou, e ainda estou lá? Será que eu não estava morto? Mas me lembro de ter visto o meu corpo inútil no chão.

Fazia muito tempo que eu estava prostrado naquele

lugar, que mais parecia um túnel, uma passagem sem começo, nem fim. Um lugar muito silencioso, e também, muito escuro.

Eu estava muito sonolento, e ainda não conseguia me levantar.

Mas eu precisava tentar levantar, para tomar um pouco de água. Puxa, que sede!

Será que estou cego também? Meu Senhor, quantas dúvidas!

Pai e Criador do universo dê-me vossa ajuda e compaixão. Sei que não a mereço, mas ajude-me! Não me deixe apodrecer aqui, neste túnel.

Se eu pudesse ao menos, me levantar tentaria ascender uma tocha...

É, acho que morri de verdade, porque na minha gruta, havia luz e água cristalina, mas aqui, é muito escuro, e não há água, nem o canto dos sapos.

Ah, meu Senhor até quando, vós iras me provar? Sei que te desobedeci, mas...

Para o inferno, com as suas benevolências! Será que sua benevolência é só para os que querem viver em paz e com trabalho? Os relapsos não merecem benevolência?

Ai, que sede!

Eu sou um velho muito velho,

Que moro..., que... Não sei mais quem sou.

E nessa confusão, fiquei. Até que um dia, acordei, e estava em outro local. E nesse local não era muito claro, mas pelo menos, não era um breu, como no local anterior.

Ali havia uma tocha, e eu estava deitado em uma coisa branca, que parecia com uma mesa. Parecia que eu estava em um quarto, era um tanto estranho, mas era um quarto.

Será que Ele me ouviu? Será que me dará uma chance, e por isso, é que me trouxe para esse lugar?

Os outros lugares eram escuros e silenciosos, e este, continuava silencioso, mas, porém um pouco mais claro.

_Obrigado Senhor do Mundo e do tempo... E continuei a te dizer.

Trabalharei ao vosso lado, para curar seus filhos, pois com as ervas, sei bem trabalhar.

Ajude-me, senhor do universo, que cumprirei o que te prometi.

Obrigado por me tirar daquele túnel escuro.

Aqui, ao menos, posso me mexer.

Será que consigo me erguer, me sentar um pouco? Ah, pareço um bobo, falando sozinho. Mas também, o que isso importa? Pro diabo as palavras!!

Mas elas teimavam em vir, e muitas delas ao mesmo tempo. Eram muitas palavras, com muitas perguntas ao mesmo tempo.

Será que estou ficando maluco?

Para o inferno tudo o que for de palavras e perguntas! Mas elas teimavam em vir.

Então, tentei me levantar, e consegui! Sentei-me e me senti menos incomodado.

Aqui, pelo menos, o espaço era um pouco maior.

Engraçado... Será que morri mesmo?

Então, porque me importava tanto, com tudo?

Era estranha a morte. Será que todos ficavam assim como eu?

E por mais que me esforçasse, continuava a me fazer muitas perguntas, e por isso, me sentia muito cansado. E mesmo assim, elas continuavam a vir. Será que isso, era porque eu era velho?

Pro inferno todos!! E tudo o que for de palavras!

Bem, só sei que passei..., não sei quantos anos ainda naquele local um pouco melhor.

Na verdade, as muitas perguntas que surgia que iam e vinham em minha mente, era meu pensamento, que fazia parte do sofrimento que o espírito estava passando.

Todas as pessoas que afrontam as leis do Criador, todas elas, têm um tipo de sofrimento. E é por isso, que os espíritos sofredores não dormem, por causa de sua consciência pesada.

Isso é uma forma de punição para os espíritos com débitos pesados, diante do Senhor do universo.

O sono é dado aos espíritos, para que descansassem, ou se acostumassem com sua nova condição de espírito

astral.

Mas para os pecadores, os pervertidos, não era permitido dormir. Eles teriam que ficar ouvindo as muitas perguntas, as muitas confusões de sua mente, os muitos delírios, até que o Criador o liberte.

Eu passei ainda muitas eras ali naquele local. Será que Ele me esqueceu, aqui?

Um Anjo na escuridão

_Eiiii! Eu estou aqui!!

E num ato de desespero, me levantei e saí a caminhar, mas não fui muito longe...

Saí caminhando, na esperança de encontrar alguém, ou alguma coisa, que me desse uma luz, uma orientação.

Eu não aguentava mais aquele local, aquela escuridão.

Agora, pelo menos, podia ficar de pé e caminhar.

Mas onde será que estou? O que será que me acontecerá de agora em diante?

_Meu Senhor, dê-me sua ajuda para que eu possa me erguer novamente.

Sei que não mereço a vossa ajuda, nem o vosso

perdão, mas preciso de uma chance, para te mostrar que poderei quitar parte de meus débitos.

Ajude-me, meu Senhor! Ajude-me a me erguer e a me purificar diante de ti.

Não me deixe só! Ajude-me e me de, se possível, a sua benção.

Andei, e andei muito, e já estava desistindo..., mas eu não podia desistir, agora que a caminhada estava mais leve, que ao menos eu podi caminhar.

Eu preciso ser ajudado, preciso encontrar ajuda.

Eu estava recostado em uma rocha, quando vi uma pequena luz ao longe. Tive vontade de correr, pra chegar logo até ela, mas me contive, e prestei mais atenção nela. Então, resolvi rezar, e rezei muito, e à medida que rezava, via que aquela luz se aproximava mais de mim.

E quando ela chegou bem perto, vi que não se tratava de uma luz, mas sim, de uma pessoa.

Mas que pessoa estranha! Essa coisa era tão brilhosa, tinha tanto brilho, que de longe, se parecia com um foco de luz. Então disse:

_Vós pedistes a meu Senhor, que queria uma chance, uma ajuda, não foi? E que se Ele concedesse a vós, uma nova chance, vós trabalharíeis para Ele, não foi?

_Mas o que é você, criatura estranha?

_Eu sou um Anjo do Senhor, que vim busca-lo, para te levar até ele. Você quer vir trabalhar para meu Senhor?

_Anjo?! Mas o que um Anjo viria fazer num inferno desses?

_Vós quereis ou não, que eu vos leve? O tempo está passando.

Então, eu disse para aquele ser estranho, que os Anjos habitavam, e trabalhavam no céu, e não ali.

_Vim porque vós me chamastes.

_Eu preciso pensar, mas por outro lado, não tenho nada para fazer aqui, mesmo.

E aceitei a proposta daquele ser. Acompanhei aquele homem, quase como um ser de cristal, de tanto que reluzia.

Ele adormeceu-me, pois não era permitido a nenhum ser, a não ser, os próprios Anjos saberem o caminho. E fui ter

com eles.

_Salve filhos do Senhor!

Hoje, eu trouxe esse ser, que queria ser útil ao nosso senhor, e fui busca-lo nas profundezas do inferno. Pois seu pensamento, sua força é tamanha, que me fez descer até ele, para ouvi-lo.

E aqui estou com ele, à espera das ordens de nosso Senhor.

_Espere um pouco, que vou transmitir seu recado ao Pai.

E aquela criaturinha tão doce, saiu nos deixando a sua espera.

Mas não demorou nem um segundo, e ele já estava de volta.

_Puxa! Como são velozes!

E ele dirigiu-se ao outro que estava ao meu lado, e falou:

_O pedido desse novo servo foi aceito, mas tem uma condição, que ele logo saberá.

_Vamos irmão de jornada, que vamos leva-lo a sala de reuniões, para que, o nosso Senhor o encaminhe.

E o segui quase que ofegante. Aqueles seres que mais pareciam com um raio, de tanta velocidade que eles se deslocavam.

E eu, um pobre velho, que não conseguia acompanha-los.

Então, em seguida, eles me colocaram em uma sala que estava totalmente vazia, mas que havia muitas cadeiras. Parecendo-me que ali, costumava se reunir muitas pessoas.

_Espere aqui, irmão de jornada, que logo nosso senhor te encaminhará.

Sente-se e espere.

Obedeci aqueles seres, sentando-me em silêncio, a espera de alguma ordem.

Eu sabia, que dali, eu iria dar início a minha jornada de trabalho, e que eu teria que me esforçar para merecer a chance de me erguer novamente.

Sentei-me pacientemente, e esperei. Mas eles estavam demorando, e eu estava com muito sono. Então, deitei-me

em cima de um dos bancos, e adormeci pesado.

_Acho que eles, não ficariam com raiva, se eu dormisse só um pouquinho. Estou muito cansado!

Não sei quantas horas fiquei ali, a esperar por eles, só sei que dormi tanto, que sonhei.

Mas será que os espíritos sonham?

Ora! Mas que importância teria isso? Se eu apenas queria descansar um pouco. E sonhei que:

Só que na realidade, não era sonho, na verdade, fui transportado através do sono para uma dimensão que era compatível comigo. Porque eu era um ser avaro, e eu sabia que o criador não iria perder seu tempo comigo.

Uma nova chance de crescimento

E ao acordar, já estava em outra ala, e já não usava minha roupa de palha.

Eles me vestiram com uma roupa toda preta, e uma cinta cinza na cintura. Era quase como uma capa, ou melhor, um roupão.

Então, me sentei novamente, e pacientemente, esperei.

E vi ao longe, quando alguém se aproximava. E quase desmaiei de susto.

Era um senhor de longa barba branca, e vestia um facho de luz tão brilhante, quanto às dos seres que havia me trazido para aquele local.

Ao ver aquele ser tão respeitador, sendo eu um velho avaro, então, me ajoelhei, e me pus de cabeça para o chão, sem coragem de fita-lo.

_Não se preocupe filho, não se envergonhe, apenas, não cometa mais erros.

Todos erram, afinal, errar é um carma, para os que descem a terra. Mas persistir nesse erro é o que não permito.

Estou aqui, para ouvi-lo.

O que tens para me dizer? Vamos filho, que não tenho muito tempo. Quero ouvir de você, o que queres fazer.

E eu, engasgado, quase não conseguia pronunciar uma só palavra sequer. E foi com muito esforço, que me abaixei mais, até tocar a testa no solo. Então, falei.

_Meu Senhor, perdoe-me, pois não sou digno de ser chamado de filho.

Mas estou aqui, e quero..., te peço uma única chance de me refazer, de me inteirar de minhas falhas perante vós.

E peço a vossa ajuda, para poder servir-te no que me mandares fazer. Porque não sou digno, nem de merecer ter permissão de ajuda-lo.

_Filho, todos merecem uma chance, todos necessitam de ajuda. E todos precisam ser perdoados. Se não, que vantagens teriam vocês em seguir as palavras deixadas. (pelo Criador)

Erga sua cabeça, e venha que já sei onde você me será útil.

Mas ao me levantar, perdi o controle de mim, e minha mente rodou..., rodou como se eu fosse ter uma terrível vertigem.

E se não tivesse me firmado, teria caído.

E daquela vertigem, Ele me conduziu a outra ala, colocando-me em uma quase toca, como se fosse, uma câmara, só que de vidro transparente.

Eu não sabia onde estava, mas tinha a certeza, de que no céu não era.

Mas ele lendo meus pensamentos, disse:

_Filho, aqui será seu céu, pois será aqui que você me ajudará a zelar, a cuidar de meus filhos. Só que, com uma diferença, você é que os encaminhará, e os acolherá em sua hora derradeira.

Esta é uma ala no centro da terra, só que ela, não fica na terra, propriamente dito, como muitos pensam. Pois as alas de triagens são acima do nível terra, e esta fica no centro.

É como se ela fosse uma encruzilhada, uma cruz com seus braços abertos, para acolher os filhos e trazê-los para mim.

E assim, como a cruz que tem três partes, uma no alto, outra no centro, e a outra para baixo.

Daqui, você os direcionará para seus caminhos derradeiros.

Conto com você, pois já venho te acompanhando ha alguns milênios, e vós te encaixais com precisão, no que quero.

E todos os seres que fizerem suas partidas da terra, estejam onde estiver, terão que passar por vós, que fica no centro, na divisa, e daqui, vós os enviará, para onde eles merecerem.

_Mas mestre como poderei fazer isso? Eu apenas estou acostumado a cuidar das doenças, e não sei como fazer o que me pedes.

_Vós sabeis sim, filho. É como se você fosse curá-los de suas doenças da carne. Só que, ao passar por aqui, eles serão purificados, e encaminhados para suas alas de origens.

Todas as pessoas que fizeram sua última partida passarão por seus domínios, e você os purificará, os limpará para que voltem a atuar.

E assim, passei a trabalhar na ala de separação espiritual, a ala onde se separa os espíritos, nesse eixo vibratório.

E de minha casa não preciso sair para receber os visitantes, os recém- espíritos pois todos que deixam seu corpo carnal, automaticamente têm que passar por mim.

E é aqui que fico, e ficarei por toda a eternidade, ou até o criador me permitir.

Uma mensagem

É muito raro, hoje em dia, um filho sentir-se obrigado a se reciclar, para que consiga se limpar, pois todos já vêm

com sua, alto defesa.

É gratificante podermos todos se beneficiar com estas escritas. É maravilhoso podermos nos livrar do fardo, que nossa existência fez.

Me senti muito honrado em poder me empenhar, para passar para o papel a minha vida terrena.

E é com muito carinho, que te agradeço, pois fizeste até um velho turrão como eu, se sentir alegre e emocionado com um dom tão maravilhoso.

Hoje findamos esse manuscrito, obrigado, meu Senhor.

Obrigado por me dar tamanha felicidade.

Obaluaê.